

Desmanche no ar

Melting into air...

Esfumación en el aire...

Jéssica Futema, Ananda Chaves, Ingrid Silva Sjobom, Júlia Rodrigues Barros Alves, Nina Turin, Isabela Soares Lopes, Giordana Carvalho, Camila Monteiro Corvisier, Eduarda Martins, Guilherme Olimpio Fagundes, Henrique Assi Hernandez, Isabella Almeida de Abreu Aquino, Lucas de Paula Fonseca, Moisés Souza de Sena, Nalanda de Vito, Rodrigo da Silva Rocha, Tales Mançano

Quando publicamos pela última vez no primeiro semestre de 2019, pensávamos que o futuro seria diferente. Com uma equipe renovada, nossa intenção era de que 2020 representasse uma consolidação da identidade da revista. Mais um ano, mais uma edição, mais dedicação ao nosso já conhecido objetivo — aproximar os estudantes de graduação da produção científica. Infelizmente, não foi exatamente assim que as coisas aconteceram. Com a pandemia do coronavírus alterando abrupta e drasticamente as vidas e rotinas de todas as pessoas, nós obviamente não seguimos sem sermos afetadas. A capacidade de trabalho da nossa comissão editorial, assim como a de nossos autores e pareceristas, não foi a mesma. Mas, como poderia ser diferente? Estudo recente

(LEVY, 2021) mostra que, em 2020, mais de 200 mil vidas foram perdidas para a COVID-19, numa conjuntura pandêmica agravada pelo (des)governo do país. Ainda que tenhamos mantido nossas atividades no formato virtual, não estipulamos prazos definitivos e irrevogáveis para nós mesmas. Simplesmente não parecia fazer sentido trabalhar com esse nível de cobrança diante das circunstâncias em que nos encontrávamos, não apenas nós da equipe, mas o mundo também.

2020 chegou ao fim e não apresentamos uma nova edição. Infelizmente, tal cenário se estendeu também para o ano de 2021, que trouxe consigo condições epidemiológicas (e governamentais) ainda piores. Tornar-se cientista social implica, entre tantas coisas, cultivar uma atenção especial não só aos eventos imediatos que se desdobram mundo afora, mas também às maneiras como eles se relacionam com a produção de conhecimento em ciências sociais, seja como objeto de análise, seja como embargo a seu desenvolvimento. Nesse sentido, podemos dizer que a pandemia conduziu isso a dimensões extremas: vimos, de um lado, uma profusão de reflexões e investigações emergirem dos campos das ciências sociais acerca da pandemia de COVID-19; mas também vimos, por outro, a interdição (ou adaptação, no melhor dos casos) de inúmeros projetos de ciências sociais, por conta de condições sanitárias desfavoráveis. Com a Primeiros Estudos, não foi diferente: durante a pandemia, reflexões emergiram, projetos (e processos) foram interditados, desmanchando no ar, outros foram adaptados.

Hoje, em 2022 — com um cenário pandêmico que, apesar de não findo, torna-se cada dia melhor, devido ao processo amplo de vacinação da população, o que possibilitou, por exemplo, a retomada paulatina das atividades presenciais na Universidade de São Paulo — uma nova edição da revista enfim chega a ver a luz do dia. Se isso está acontecendo, é

somente porque cada pessoa envolvida neste projeto foi honesta sobre suas próprias condições de produção e soube trabalhar dentro de seus próprios limites. Se isso está acontecendo, é porque acreditamos fazer parte da nossa missão enquanto Primeiros Estudos sermos transparentes quanto a isso desde a primeira página.

A edição atual marca não só a retomada dos trabalhos depois de um longo hiato, mas também a renovação da revista como um todo: em 2022 a equipe editorial se expandiu significativamente e, com esse fluxo de novas pessoas, surgiram novas ideias, novos anseios, novas propostas. Uma das novidades — que pode ser vista desde a capa, até a última página desta edição — é a renovação da identidade visual da Primeiros Estudos, passando pela logo, pelo design da capa e pela diagramação. Ao olharmos atentamente para a logo, elemento central da identidade visual, vemos que ela constitui-se pelo estudo da forma do algarismo “1”, revelando, pelos contornos, as retas e as curvas que o compõem — isto é, pela decomposição dos sentidos que emergem do nome da revista: Primeiros Estudos. Além disso, o “1” que está presente no espaço vazio da parte textual da logo, entre as letras “I” e “R”, é uma homenagem à antiga logo da revista que também continha esse elemento visual.

Nesta edição, entrevistamos Gersem Baniwa, antropólogo, filósofo, professor e, principalmente, liderança indígena do povo Baniwa. Se a situação do distanciamento social trouxe limitações, também ampliou algumas possibilidades. O formato digital nos deu a oportunidade de estabelecermos relações com pessoas em lugares muito além dos que poderíamos alcançar presencialmente. Perpassada por algumas dificuldades, técnicas mas não só, em meio a conexões e desconexões, a entrevista com Gersem Baniwa foi um momento de compartilhamento de saberes. A ele, estamos profundamente agradecidas. Sua presença nesta edição não é por acaso: o

objetivo dessa parceria é fortalecer os esforços — que partem sobretudo de fazeres antropológicos informados por ideias de simetria, equidade, decolonialidade, etc. — de desestabilizar relações tradicionais entre pesquisador-pesquisado, em favor de processos de produção de conhecimento que sejam coletivos e compartilhados, nos quais as múltiplas vozes da discussão possam todas ecoar e ser ouvidas. Com essa entrevista, reforçamos nosso compromisso com a diversidade. Abordamos interculturalidade, intercientificidade, práticas de educação indígena, e os desafios que a antropologia enquanto disciplina deve enfrentar para superar sua raiz colonial. Nas palavras de Gersem: “Não queremos estudar o homem, queremos estudar o universo, a natureza, o cosmos como um todo, é isso que nos interessa.”

Editorial | Desmanche no ar

O artigo *Era só uma mancha na lente* mostra-se, à primeira vista, bastante inusitado, na medida em que tenciona estabelecer uma ponte entre antropologia e ufologia. Não obstante, acaba por nos prender com seu encadeamento de ideias. O conceito de educação da atenção, conforme formulado por Tim Ingold (2001) e discutido largamente pelo autor do artigo, permite pensar os ufólogos e suas produções, especialmente as fotográficas. Questões são levantadas a respeito de quais saberes são legitimados, na medida em que, como afirma o autor, “os astrônomos só veem certas coisas porque as procuram”. O texto expande as fronteiras de sua reflexão para tematizar o conflito ontológico que surge a partir dos próprios saberes distintos, abrindo um novo universo de malhas de compreensão.

O último artigo da edição, *Além dos Milagres da Tenda*, traz Jorge Amado e, por intermédio da análise sociológica, argumenta que o livro *Tenda dos Milagres* (1969) é “uma união do real e fictício”, já que se trata de uma narrativa fictícia que expõe assuntos empíricos. Violência e apagamento histórico são alguns dos assuntos perceptíveis nas relações interculturais

construídas por Amado. Assim, o artigo busca salientar a dimensão política, além de atual, de uma obra que evidencia como o fantasma do colonialismo ainda assombra os países subdesenvolvidos e suas populações, que estão eternamente buscando ser um espelho dos seus colonizadores europeus e norte-americanos.

Além da entrevista e dos artigos, temos, nesta edição, a seção Intervenção Artística, com contribuição de Guido Negruzzi, intitulada "Então você é um arteiro: nomeando o inabarcável". Ali encontramos, além de uma reflexão sucinta do autor sobre os trabalhos artísticos que nos apresenta, uma seleção de suas fotografias, pinturas e ilustrações.

Em conclusão, esperamos que essa nova edição da Primeiros Estudos, que traz à baila uma riqueza de discussões nos campos das ciências sociais, anime reflexões, desperte curiosidades, fomente novos interesses, gere questionamentos e estimule ainda mais estudantes de graduação a participarem, como puderem, da produção de conhecimento. Tudo indica que a pandemia caminha para seu fim, mas ela ainda não acabou. Para contribuirmos com empreitadas científicas de compreensão e investigação do mundo, em suas múltiplas facetas, é preciso, sobretudo, estar presente — física e mentalmente. Assim, queremos não só agradecer a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a publicação dessa edição, mas também pedir: continuem a se cuidar.

Equipe da Primeiros Estudos

Referências Bibliográficas

INGOLD, Tim. From the transmission of representations to the education of attention. In: WHITEHOUSE, H. The debated mind: Evolutionary psychology versus ethnography. Oxford: Berg Publishers, 2001, p. 113-153.

LEVY, Bel. Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020. FIOCRUZ, Manguinhos, 25 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>>

Como citar

FUTEMA, Jéssica et al. Desmanche no ar. *Primeiros Estudos: Revista de Graduação em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n. 01, p. 05-10. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-2423.v10i1p5-10>